

Entre o passado e o presente: um encontro com a memória através dos objetos

Fábio Vergara Cerqueira*, Jezuina Kohl Schwanz**,
Luísa Lacerda Maciel***, Mariciana Zorzi****

Resumo

Entre o Passado e o Presente: Um Encontro com a memória através dos objetos. Este artigo apresenta a metodologia utilizada no *Memoriar*, Programa Regional de Educação Patrimonial na Região Sul do RS, que constitui um projeto desenvolvido pelo Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPEL, envolvendo 12 cidades da região. O programa inclui ações educativas no nível de educação informal (junto à comunidade) e formal (nas escolas). Nossa proposta, neste artigo, será discutir e avaliar a aplicação da metodologia, realizada no ano de 2006, em escolas municipais de cinco cidades (Arroio Grande, Capão do Leão, Cerrito, Pedro Osório e Piratini). O foco central desta análise será o método da *Dinâmica do Objeto*, aplicado, junto aos educandos, no encontro em que são trabalhadas as categorias *Patrimônio cultural*, *Memória* e *Cultura material*, atividade desenvolvida de forma lúdica, através da apresentação do *Teatro de Fantoques*, da realização da *Dinâmica do Objeto* e do *Desenho do Patrimônio*.

Palavras-chave: Educação, Memória Social, Cultura Material e Patrimônio cultural.

O *Memoriar*, Programa Regional de Educação Patrimonial da Região Sul do Rio Grande do Sul, resulta do convênio “Arqueologia e Educação Patrimonial na Região Sul do Rio Grande do Sul”, firmado entre o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/ICH/UFPel) a Votorantim Celulose e Papel (VCP). Este convênio teve início no ano de 2005, abrangendo as cidades de Aceguá, Arroio Grande, Bagé, Candiota, Capão do Leão, Cerrito, Herval, Hulha Negra, Pedras Altas, Pedro Osório, Pinheiro Machado e Piratini, as quais fazem parte da área de plantio da VCP.

A legislação brasileira, concernente à proteção do Patrimônio cultural, incorporou a educação patrimonial enquanto política pública, conforme estabeleceu a Portaria n.º. 230 de 2002, emitida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que condiciona a autorização da pesquisa arqueológica à aplicação de ações educativas voltadas ao patrimônio, reforçando assim o compromisso social do arqueólogo com as comunidades direta ou indiretamente associadas à sua pesquisa de campo. Segundo Cerqueira (2006, p. 366), coordenador geral do projeto, “o *Memoriar* tem como objetivo sensibilizar as comunidades destas cidades para o valor do seu Patrimônio cultural, estimulando-os para se tornarem sujeitos ativos na sua proteção, preservação e gestão”.

Tomando Educação Patrimonial como “(...) o ensino centrado nos bens culturais, como metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; [e considerando] os bens culturais como fonte primária de ensino” (GRUNBERG, 2000, p.167), o programa engloba um sistema de ações educativas nos níveis da educação formal, com a aplicação do programa nas escolas municipais¹, e informal, através de exposições arqueológicas em feiras e festas locais.

A aplicação do programa nos municípios é precedida por uma etapa de trabalho destinada ao levantamento dos Bens Culturais Materiais e Imateriais das comunidades, pois não consideramos

viável uma ação educativa qualificada, voltada ao Patrimônio cultural, que dispense o estudo direto destes bens nas comunidades envolvidas, inclusive a própria percepção que estas possuem sobre o seu patrimônio.

A pesquisa sobre o Patrimônio cultural sustenta-se na interpretação de fontes diversas, de natureza escrita, oral, visual e material. Entre as fontes históricas escritas, destacam-se os documentos oficiais e jornais locais. No que se refere à oralidade, optou-se pelo uso da técnica da História Oral², aplicada junto a componentes marcantes da comunidade local, que têm muito a contar sobre suas trajetórias de vida e sobre a história da cidade. No campo da visualidade, procuramos inventariar algumas fotos antigas. O registro fotográfico é utilizado igualmente para inventariar expressões materiais do Patrimônio cultural, nomeadamente a diversidade do patrimônio arquitetônico, bem como objetos arqueológicos ou museológicos identificados.

Este levantamento de dados é complementado por um outro instrumento de análise. Com o objetivo de se estabelecer uma escuta da comunidade, foram aplicados questionários sobre um universo da população, estimado em aproximadamente 1% do seu total. Por meio destes questionários, procuramos perceber o que as comunidades consideram como Patrimônio cultural. Esses relatos são relevantes para a fundamentação epistemológica de nossa ação educativa, pois, segundo Freire (*apud* ZAN, 2003, p.13), “a investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar”.

O conjunto destes dados forma o que denominamos *Banco Cultural*, que constitui uma ferramenta indispensável à organização dos encontros e das exposições: é através dele que montamos as apresentações multimídias utilizadas nas ações educativas. Quando o educando olha a sua cidade em imagens, diferentes leituras são feitas. A praça é vista de um novo ângulo, cores e formas, e deixa de ser um simples local de encontros e brincadeiras para ganhar um novo sentido. A arquitetura, os detalhes, um banco da praça...

Novos olhares atentos de crianças e adultos, que passam a perceber de formas diferentes o Patrimônio cultural que está presente no seu cotidiano. “Não importa a cidade, cada um olhará a partir de suas relações com o lugar, pois sempre estaremos aprendendo com ela e ressignificando a partir de nossos referenciais” (GALVANI, 2005, p. 160).

A aplicação do programa no âmbito escolar constitui-se de cinco encontros. O público alvo dos dois primeiros encontros é formado por professores, por funcionários e pessoal envolvido com a administração escolar (diretores, pessoal das secretarias municipais de educação). Seu intuito é fornecer elementos para transformar estes personagens da vida escolar em multiplicadores da educação patrimonial. Isto é feito por meio de uma palestra, com recurso multimídia, no primeiro encontro, e de uma dinâmica de patrimônio em sala de aula. Na primeira, apresentam-se ao público conceitos gerais sobre Memória Social e Patrimônio cultural, considerando inclusive seus aspectos normativos e legais. Na segunda atividade, desenvolve-se uma discussão, em que os professores apresentam propostas de plano de aula, considerando a diversidade do patrimônio.

Nos terceiro e quarto encontros, desenvolvem-se as atividades com os educandos, envolvendo as categorias de Patrimônio cultural, Memória e Cultura material, utilizando o lúdico no processo de construção de conhecimento. O quinto encontro tem como meta proporcionar uma avaliação do programa, oportunidade em que, a partir da escuta da demanda dos professores, elabora-se um esboço de alternativas para o prosseguimento do projeto, com o potencial aprofundamento da parceria entre a Universidade Federal de Pelotas, por meio do *Memoriar*, e as escolas municipais da região.

Procedimentos Metodológicos

A importância da memória social para a cidadania, e subseqüentemente sua necessidade no ambiente escolar, decorre

da constatação de que a memória tem o potencial para impedir a fragmentação total dos sujeitos (HALBACHS, 1990). O Laboratório de Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPEL) preocupou-se, na concepção do programa *Memoriar*, em elaborar uma metodologia de intervenção educativa coerente com as elaborações teóricas desenvolvidas e sistematizadas em sua reflexão sobre o tema (CERQUEIRA, 2005; 2006. SCHWANTZ, 2004), procurando assim ser fiel a um conceito de Patrimônio cultural comprometido com a diversidade cultural e com o desenvolvimento da cidadania, sobretudo a cidadania de setores sociais e regiões geográficas deprimidas na percepção do valor de sua memória de grupo na constituição do Patrimônio cultural coletivo. Deste modo, entende-se o quanto a valorização e preservação da memória social, numa perspectiva de sua diversidade sócio-econômica e cultural, poderá vir a favorecer a auto-estima social de jovens que, muitas vezes, introjetam uma percepção de marginalização cultural, ao não saberem identificar ou não conseguirem reconhecer suas tradições culturais no conjunto mais amplo dos valores e identidade social a serem enaltecidos e preservados pela categoria de Patrimônio cultural:

Nas duas últimas décadas do séc. XX, a educação patrimonial cresceu como uma importante dimensão da formação dos cidadãos na democracia moderna, uma vez que estimula o fortalecimento da consciência do caráter público do patrimônio e a identificação e manutenção dos laços de memória com significantes coletivos portadores das memórias sociais dos diferentes grupos que compõem a sociedade. Por meio da educação patrimonial, busca-se sensibilizar as comunidades sobre a importância de preservar a sua memória; mais que isso, busca-se gerar uma reflexão sobre as memórias dos diferentes grupos sociais, de modo que se perceba que patrimônio não é somente o monumento belo e notável que fala do passado de algumas elites, mas que patrimônio é, outrossim, todo símbolo de memória coletiva, do terreiro à igreja, do sobrado à senzala, das praças públicas aos prédios das escolas, dos antigos armazéns de bairro aos grandes teatros, das canchas retas aos estádios de futebol. A escola, em decorrência da constatação da

importância social da educação patrimonial, chamou para si também esta responsabilidade (CERQUEIRA, 2005, p.99-100).

Consideramos assim uma visão plural do Patrimônio cultural, em sua expressão sócio-econômica. Em contrapartida, a pluralidade do Patrimônio cultural precisa ser compreendida e assumida também no que se refere à natureza dos bens culturais:

O conceito de Patrimônio cultural, antropologizado, ampliou-se. Passou então a incluir da gastronomia (como o pão de queijo mineiro ou o doce pelotense) às expressões da diversidade religiosa (como os terreiros de candoblé, sinagogas coloniais e lojas maçônicas oitocentistas com seus ornatos egípcianizantes). No arquitetônico, incorporou do requinte das técnicas construtivas e ornamentais dos prédios destinados à elite econômica e política (como o Palácio do Governo em Florianópolis ou a Ópera de Belém) até as edificações ligadas ao universo do trabalho (como as senzalas remanescentes do período escravista ou os prédios de indústrias do final do séc. XIX e início do séc. XX, integrantes do Patrimônio industrial, como a Fábrica de Vinho de Caju de João Pessoa ou a Cervejaria Bopp de Porto Alegre, hoje conhecida como Cervejaria Brahma, atual Shopping Total). O conceito de patrimônio arquitetônico digno de conservação, inicialmente vinculado – na política cultural estado-novista – ao legado luso-brasileiro do Barroco Mineiro, expandiu-se para as casas de pedra dos colonos italianos da Serra Gaúcha e a arquitetura colonial italiana em madeira, de Antônio Prado/RS, tombada pelo IPHAN.

E assim segue: de um lado a amplitude da Cultura material, com a consubstanciação da memória coletiva nos objetos de uso cotidiano (cf. vestígios materiais exumados pelas pesquisas arqueológicas; ferramentas de trabalho ou utensílios domésticos conservados e expostos em museus, com destaque aos museus que guardam a memória da imigração, como o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, em Pelotas, ou o Museu da Imigração, em Bento Gonçalves); de outro, a vastidão da cultura imaterial, objeto preferencial de estudo da Antropologia social, que dissecar e interpreta as complexas relações entre as diversas redes simbólicas e a construção de identidades culturais plurais (cf. as expressões idiomáticas de um bairro ou faixa etária, os hábitos alimentares como o pastelão de Goiás Velho ou o chimarrão do gaúcho e do gaúcho, etc). (CERQUEIRA, 2005, p. 94; 2006, p. 353)

Como se vê, não operamos com uma definição de patrimônio que se meça pela sua monumentalidade (sem que esta deixe de ser uma categoria relevante), mas pela representatividade que um bem cultural possui de ser depositário de memórias e de identidades coletivas herdadas das gerações passadas, o que no idioma inglês mais pertinentemente denomina-se *Cultural Heritage*. O predicado “cultural”, no caso, não se refere mais exclusivamente ao “intelectual” ou “artístico”, sem deixar de abrangê-los, mas a um amplo sistema simbólico por meio do qual uma comunidade interpreta seu presente e seu passado, codifica seus valores e organiza seus padrões estéticos, éticos e morais. Critérios anteriormente considerados balizadores para procedimentos de classificação e certificação patrimonial, como a “beleza”, a “grandeza” ou a “genialidade”, passaram a ser relativizados, em nome do “comum”, do “cotidiano”, do “micro-histórico”, facilitando assim, em um processo de educação patrimonial, a identificação de jovens de periferia com seu Patrimônio.

Compreende este sistema simbólico, por sua vez, como uma composição de expressões culturais de natureza material (tangível) e de natureza imaterial (intangível), as quais são merecedoras de atenção especial e diferenciada, por parte do Estado, no que se refere à preservação dos assim chamados Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial.

O conceito de Patrimônio cultural passou nos últimos anos por uma outra reavaliação conceitual, resultante do avanço da questão ambiental na sociedade moderna. Sustentado no antagonismo entre cultura e natureza, Patrimônio cultural foi entendido, durante muito tempo, estritamente como os objetos e expressões espirituais resultantes da ação humana que servem de suporte à memória e identidade coletivas. Ao longo do séc. XX, os Estados modernos desenvolveram políticas públicas independentes quanto aos temas da preservação do meio ambiente e do Patrimônio cultural. Como resultado dessa dicotomia institucional das políticas públicas, estabeleceu-se certo antagonismo, no mínimo institucional,

entre a preservação do Patrimônio cultural e do meio ambiente. Como caminho para superação deste dilema, ocorreu uma reconceituação de patrimônio e meio ambiente, e, por conseguinte, do planejamento das respectivas políticas públicas:

De um lado, patrimônio passou a ser entendido não mais estritamente como a obra produzida diretamente pela ação humana, mas incluindo também todo o contexto natural que é cenário das memórias e identidades sociais. De outro lado, apesar de certas resistências puristas, muitos ambientalistas compreenderam a necessidade de uma conceituação sócio-ambiental das políticas de defesa do meio ambiente. Assim, por um lado, cultura não exclui mais natureza; de outro, meio ambiente não exclui mais o homem. (CERQUEIRA, 2005, p. 95-96)

É preciso fazer justiça ao Decreto-lei de 1937, que instituiu a política patrimonial do Estado Novo, pois este já se pronunciava quanto a esta interface entre o natural e o cultural: entendia que a preservação do patrimônio abrangia “sítios e paisagens que importem conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciado pela indústria humana.”³ No Brasil, foi em 1986, com o advento da legislação que regulamenta os estudos de impacto ambiental, inspirada na lei francesa⁴, que se incluiu a necessidade do estudo sócio-econômico, o qual prevê, no **Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (RIMA)**, “o patrimônio paisagístico, cultural, histórico e arquitetônico”⁵ “destacando os sítios e monumentos arqueológicos, históricos e culturais da comunidade.”⁶ A Constituição de 1988, por sua vez, na classificação dos bens culturais de natureza material e imaterial, incluiu, entre os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, artístico, arqueológico e científico, os sítios com valor paisagístico, paleontológico e ecológico, sobrepujando a dicotomia cultura *versus* natureza.⁷

Com base no exposto acima, a metodologia que aplicamos no *Memoriar* segue as diretrizes abaixo, no que se refere à conceituação de Patrimônio cultural e suas implicações sociais:

1. A indissociabilidade entre o patrimônio humano e natural na

conceituação do Patrimônio cultural, de modo que as pesquisas, intervenções e políticas públicas sejam pensadas de forma integrada.

2. As especificidades e interfaces que marcam as diferentes relações entre o **patrimônio tangível (material) e intangível (imaterial)**.
3. O abandono da conceituação elitista de patrimônio, que o identificava com a visão hegemônica de grupos dominadores do passado, em favor de uma **visão plural**, que dê conta da **diversidade sócio-cultural** existente nas sociedades do passado, assim como do presente. Patrimônio, não mais visto como excepcionalidade da erudição, mas sem deixar de ser isto também, passa a ser visto como o registro do comum, como **memória da expressão cultural do homem comum e de sua vida corriqueira**.

Bens Culturais e a Construção do Conhecimento

As ações do programa *Memoriar* são realizadas na perspectiva da incorporação dos Bens Culturais ao processo de ensino-aprendizado, como auxiliares no desempenho das funções de construção do conhecimento, não só na sala de aula como também em seu cotidiano.

Os bens culturais são o ponto de partida do qual se origina um sem número de informações, conhecimentos e enfoques. Eles servem como fonte primária de observação aberta à exploração. Neles se condensa um amplo leque de manifestações e relações humanas, tanto existidas como existentes (GRUNBERG, 2000, p.167).

Assim, dentro desta gama de manifestações culturais está a Cultura material que pode ser definida, numa perspectiva pós-processualista, como a totalidade material transformada e consumida pela sociedade. (Cf. FUNARI, 1988, p. 9-22. MUNIZ, 1998, p. 224) Empiricamente, a Cultura material compõe-se de todo o conjunto de artefatos, ou seja, de instrumentos materiais produzidos pelo homem a partir da transformação de elementos naturais. A Cultura material pode ser de natureza móvel ou imóvel.

Os bens materiais móveis são os objetos ou utensílios; os bens imóveis são as estruturas, sejam elas alterações construídas da paisagem, como os aterros (cerritos, *mounds*, sambaquis) ou o conjunto do patrimônio arquitetônico (palácios, templos, senzalas, etc.) Nesta materialidade, estão imbricados os aspectos simbólicos e pragmáticos da cultura. Ou seja, os objetos carregam consigo, ao mesmo tempo, a sua dimensão prática (a sua finalidade de uso) e a sua dimensão simbólica (o conjunto de valores, princípios éticos, padrões de comportamento, etc.), associada a estes objetos, na sua fabricação e no seu consumo. Funari (2003, p. 40) lembra que:

Tanto os documentos escritos quanto a Cultura material são produtos de uma mesma sociedade, mas não são necessariamente complementares ou convergentes, pois o documento escrito representa as idéias ou interesses subjetivos de seu autor, à diferença da Cultura material. (...) Os documentos escritos informam-nos sobre as idéias de seus autores, em geral pertencentes a uma minoria dos que sabem ler e escrever. A escrita, assim, é um instrumento de poder, de classe. A Cultura material, por outro lado, é o resultado, em grande parte, do esforço das pessoas comuns e conserva-se, muitas vezes, sem que assim se queira ou planeje, como testemunhos involuntários da história

O programa *Memoriar* tem como pressuposto o foco central no patrimônio arqueológico, uma vez reconhecido o seu potencial para se pensar o legado material do conjunto da sociedade, sem privilegiar suportes de Memória Social que destaquem o legado cultural das elites do passado, com as quais as elites do presente, com certa freqüência, procuram se identificar para sua legitimação. Todavia, uma vez que na Cultura material estão interligadas as dimensões materiais e imateriais, o patrimônio arqueológico é tratado como um ponto de partida para se pensar o Patrimônio cultural de forma holista, em coerência com os pressupostos apresentados anteriormente.

O sentido de Cultura material transmitido aos educandos ultrapassa o significado de simples objeto, pois “todo um complexo sistema de relações e conexões está contido em um simples objeto

de uso cotidiano (...)” (HORTA, 2006). Seguindo as idéias da mesma autora, é possível, através da investigação do objeto, descobrir esta rede de significados, relações, processos de criação, fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, que dão sentido às evidências culturais e informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente.

Nesta investigação, utilizam-se procedimentos e métodos que conduzem a uma postura investigativa, ou seja, não se tem em mente as respostas prontas e acabadas de caráter monolítico. Ao contrário, conforme Lipman, em sua proposta pedagógica de ensino de Filosofia na escola, está pressuposta a concepção do processo ensino-aprendizagem como algo dinâmico, cuja observação, identificação e classificação de problemas, bem como formulação de questões e hipóteses fazem parte daquilo que se entende como habilidade de investigação:

É basicamente através das habilidades de investigação que as crianças aprendem a associar suas atuais experiências com aquilo que já aconteceu em suas vidas e com aquilo que esperam aconteça. Elas aprendem a explicar e prever, e a identificar causas e efeitos, meios e fins, e meios e conseqüências, como também a distinguir estas coisas entre si. Elas aprendem a formular problemas, estimar, medir e desenvolver as inúmeras capacidades que formam a prática que se associa ao processo de investigação (LIPMAN, 1995, p. 66).

Nosso objetivo, aqui, é analisar a metodologia empregada no terceiro encontro do programa *Memoriar*, baseado nestas mesmas premissas expostas acima, onde a criança é o investigador e o objeto analisado é o Patrimônio cultural. Nesse processo, o aluno passa a ser um sujeito ativo na construção do conhecimento, contribuindo no exercício de sua cidadania, além de facilitar a percepção e a compreensão dos fatos e fenômenos culturais presentes em seu cotidiano.

O *Lúdico* é utilizado durante este encontro, para fazer a conexão aluno-objeto. Desta forma, a criança interage com o

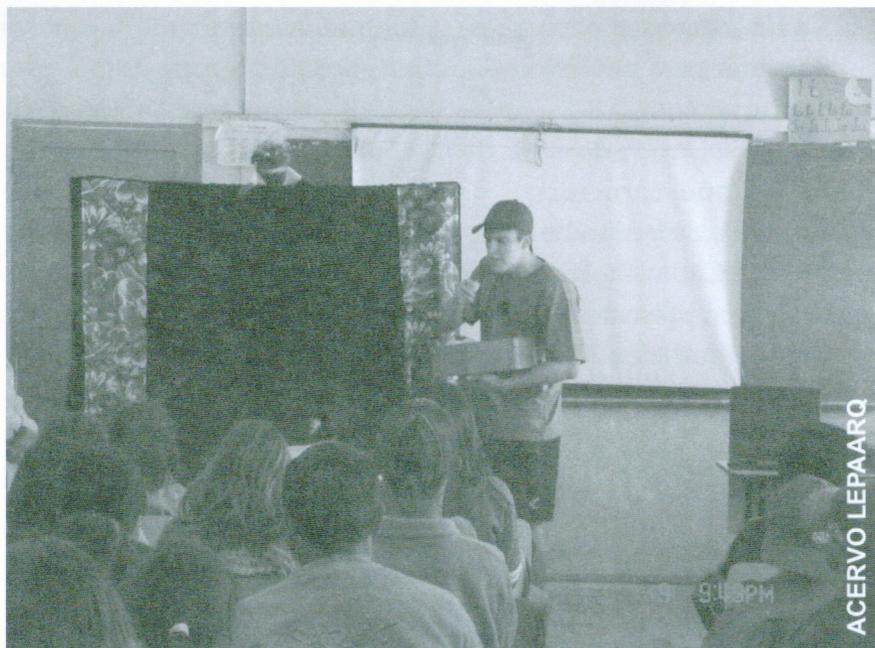
conhecimento de uma forma prazerosa. Nas palavras de Santos (1997, p.12):

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora uma boa saúde mental, facilita os processos de socialização do conhecimento.

Encontro com a Memória através dos objetos

O terceiro encontro do programa *Memoriar* é realizado com as crianças e educadores das escolas, sendo seu objetivo a sensibilização para a valorização e preservação do Patrimônio cultural local, através da apresentação do *Teatro de Fantoche*, da realização da *Dinâmica do Objeto* e do *Desenho do Patrimônio*. Nossa proposta é apresentar e discutir questões relacionadas ao Patrimônio cultural, Memória e Cultura material. Deste modo: “Há necessidade de se criarem meios e mecanismos eficazes para que o cidadão comum tenha direito à cultura, à memória coletiva e tenha condições de apropriar-se desse patrimônio (...)” (ATAÍDES e MACHADO, 1998, p. 53).

O encontro inicia com a apresentação do *Teatro de Fantoche*⁸, que tem como tema central a importância do objeto como elemento de ligação com a memória. Sua história está estritamente relacionado à dinâmica realizada posteriormente⁹. Nela, os alunos são incitados a falar sobre os objetos que trouxeram, e, assim como no teatro, os objetos acabam suscitando lembranças; nesse caso, porém, os alunos é que são os protagonistas da história.



Teatro de Fantoches – E.M.E.F. Dr. Jacques da Rosa | Cerrito

A interação da criança com a sua Cultura material é efetivada através da investigação, analisando os aspectos relacionados à história do objeto, bem como suas características e funcionalidade, transformando a sala de aula em um pequeno museu, formado pelos objetos e memórias dos educandos, assim como de seus familiares e professores. Nesse sentido: “O objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida” (SILVEIRA e FILHO, 2004, p.40).

Essa experiência da criança com e no mundo é materializada no objeto, ou seja, não importa se o objeto pertence ou não à criança, o fato é que faz parte do seu convívio social. Para Maurice Halbwachs (1990), a memória aparentemente mais particular remete a um grupo, assim a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, já que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

Esta memória coletiva tem, assim, uma importante função: a de contribuir para o sentimento de pertença a um grupo de passado comum, que compartilha memórias, o que confere sentidos de identidade¹⁰. De acordo com Klamt e Soares (2004), a identidade é o elemento que caracteriza os membros de uma sociedade, comunidade, ou grupo humano entre si e perante os outros. Nesse processo, “Cada nação, grupo, família, enfim cada instituição construiria no presente seu patrimônio, com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória” (GONÇALVES, 2004, p.19)



Dinâmica do Objeto – E.M.E.F. Vieira da Cunha | Piratini

Após o encerramento da *Dinâmica do Objeto*, ocorre uma palestra com recurso multimídia. Esta apresentação é elaborada a partir de registros fotográficos realizados na etapa prévia de pesquisa, em que foram inventariados bens culturais que testemunhem a diversidade do Patrimônio cultural local. Esta palestra, portanto, visa a estimular, entre os educandos, a percepção

da pluralidade de expressões do Patrimônio cultural de sua cidade, cujos conteúdos são apresentados, de forma sintética, nesta apresentação multimídia, marcada pelo forte apelo visual. A partir das imagens, procuramos verificar como os educandos se identificam (ou não) com estas, propiciando assim a reflexão a respeito do que é Patrimônio cultural.



Desenho do Patrimônio – E.M.E.F. Vieira da Cunha | Piratini

De acordo com a metodologia utilizada pelo *Memoriar*, a recriação do Patrimônio cultural, a partir das imagens mostradas na apresentação multimídia, dá-se através do desenho, em que a criança irá expressar a sua identificação com determinadas manifestações de Patrimônio cultural. “O ato de desenhar se dá no presente imediato. Para a criança presente seria o desejo impulsionando a ação, o movimento. O desenho, como exercício do desejo, se transforma em manifestos de identidade” (DERDYK, 1989, p. 118).

Ao desenhar, a criança transfere para o papel o que ela considera como sendo Patrimônio cultural, revelando a identificação dela com lugares de sua cidade. Esta atividade se relaciona com as demais etapas do mesmo encontro, pois, na realização do *Desenho do Patrimônio*, além da criatividade, estão presentes elementos como a memória, histórico e contexto cultural da criança.

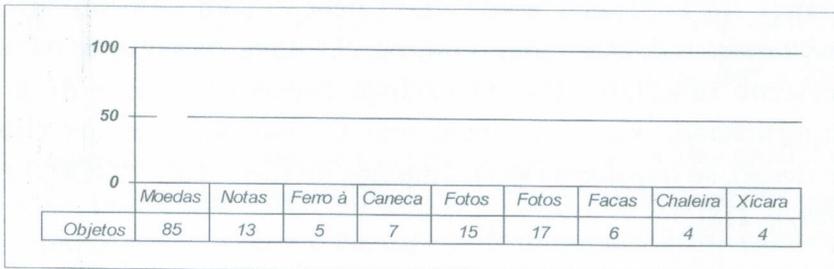
O desenho lida com elementos do tempo e do espaço. O ato de desenhar congrega o presente com um passado e um futuro. As imagens nascem da observação, da memória, da imaginação. Poderíamos relacionar a observação com o presente, a memória com o passado e a imaginação com o futuro (DERDYK, 1989, p. 118).

Dados obtidos com a dinâmica: A voz do objeto através da criança

Os dados analisados abaixo foram obtidos através da *Dinâmica do Objeto*, realizada durante o terceiro encontro do programa, durante sua aplicação no ano de 2006, nos municípios de Arroio Grande, Pedro Osório, Cerrito, Capão do Leão e Piratini.

De acordo com o **Gráfico 1**, podemos concluir que moedas e fotos (antigas e recentes) foram os objetos mais apresentados, pelos educandos, nesta atividade. É importante ressaltar que, em alguns casos, observamos a influência do educador nos objetos trazidos por eles, pois, como mencionado anteriormente, é o professor que lhes transmite a tarefa, ao serem previamente preparados para a sua participação no *Memoriar*.

Gráfico 1 – Dados obtidos a partir da dinâmica do objeto



Na maioria das escolas, as crianças participaram da proposta da dinâmica. Neste artigo abordamos alguns casos, como o dos irmãos Gabriel e Diego¹¹, alunos da escola E. M. E. F. Delfina Bordalo de Pinho, localizada na zona rural do município de Capão do Leão.

Estes meninos, espontaneamente, falaram dos objetos que trouxeram, assessorando-se de uma espécie de ficha, elaborada por seus pais¹², contendo as informações necessárias para a dinâmica (data do objeto, funcionalidade, a quem pertencia...). Ao nos apresentarem uma foto pertencente aos seus avós, cuja datação, conforme o registro de memória familiar remontaria a 150 anos, chamaram-nos a atenção quanto às roupas de época.¹³

Os dois garotos, usando como recurso de memória o ferro à brasa e a palha do milho, explicaram o processo de fabricação do cigarro artesanal, que foi de significativa presença no cotidiano da sua família. Por último, falaram do bule, onde sua avó fazia o café; discutiram ainda sobre a sua chaleira e cesto de palha.

Como afirma Radley (1992, p.65): “La gente no solo se acuerda de las cosas, qué aspecto tenían o qué les pasó, sino también de que hacer con ellas, como relacionarse con los objetos para que se dá tal o cual acontecimiento”.

Com base nos relatos feitos pelas crianças e até pelos professores que participaram da dinâmica, observamos o sentido que o objeto antigo cumpre em espaços de socialização, como a casa, por exemplo. Na maioria das vezes, após perder a funcionalidade inicial, o objeto recebe um valor sentimental e simbólico agregado e passa a ser então um objeto decorativo, que pode ou não gerar lembranças. É o caso do ferro de passar roupa à brasa, utilizado atualmente como vaso de flor, ou ainda o rádio que fica na estante, as fotos dos avós na parede, as louças na cristaleira e até mesmo objetos mais antigos, como os artefatos pré-históricos.

Este es el sino de algunos artefactos que pertenecen a cada época: sobrevivir a los peligros hasta llegar un período en el que su desplazamiento se percibe como significativo, y al ser entonces deliberadamente aparrados convertirse en

indicios del pasado, en objetos para decorar. (RADLEY, 1992, p.68)

De acordo com a metodologia da Educação Patrimonial e conforme as palavras de Horta (2006), "(...) esta 're-funcionalização', ou 're-significação' dos objetos de uso cotidiano oferece um excelente tema de exploração, discussão e pesquisa, dentro ou fora da sala de aula".

Em alguns casos, observamos um grande número de objetos contemporâneos, como o CD e acessórios do grupo musical "Rebeldes", bem como a presença de celular, relógio e brinquedos atuais¹⁴. Há que se considerar que, nada obstante os educandos atribuam a estes objetos seu valor sentimental ou de pertencimento cultural, e portanto apropriem-se dos mesmos como parte constitutiva de seu Patrimônio cultural, é necessário levar-se em conta a influência da conjuntura social e cultural em que vivemos, a qual está estritamente relacionada à globalização e massificação da mídia.

Grünewald (2002), em seu estudo etnográfico da Reserva da Jaqueira, observando a relação dessa cultura com o turismo, afirma que a globalização, do ponto de vista dos Antropólogos, não é um fenômeno primariamente econômico, mas, sobretudo, cultural. Uma de suas conseqüências seria a homogeneização cultural do mundo ao impor modos de vida, gostos, estilos, enfim, diversos itens de cultura emitidos pelos países considerados "desenvolvidos".

Já Hall (1997), salienta um movimento contrário, onde as identidades "locais" ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.

Um exemplo que ilustra essa situação pode ser verificado nas escolas do município de Piratini que participaram do *Memoriar* em 2006. A maioria dos objetos apresentados era relacionada à tradição gaúcha e estancieira, como freios de cavalo, sino e facas com detalhes em prata. A cidade de Piratini é conhecida por preservar as tradições gaúchas, presentes nas suas ruas e nos eventos locais¹⁵, principalmente no que se refere à música. Recentemente, ocorreu

uma polêmica entre o movimento tradicionalista gaúcho e as novas tendências musicais regionais, a chamada *tche music*, que faz uma síntese da musicalidade e ritmos riograndenses tradicionais com elementos do chamado *aché music*, proveniente do estado da Bahia. Apesar da grande popularidade deste gênero entre os jovens, e, portanto de sua capacidade de atrair grande público, o movimento tradicionalista proibiu apresentações deste gênero musical nos espaços e eventos oficiais associados à preservação da cultura gauchesca, como os CTGs¹⁶ e festas tradicionais. Percebemos, nesta recusa, uma forma de resistência cultural à globalização.

Numa época de globalização, isto é, de intensificação dos fluxos econômicos, políticos, culturais e simbólicos a nível mundial, as pessoas e os coletivos vêm alargando o leque dos possíveis e dos recursos disponíveis para a elaboração dos argumentos que justificam as suas identidades e os seus processos de identificação (MENDES, 2002, p.504).



Apresentação multimídia – E.M.E. F. Agrícola Alao Tarouco | Piratini

Cada cidade possui suas especificidades que se manifestam através de sua Cultura material. Neste artigo, consideramos, para efeito de análise dos dados, o fato de que a criança recebe influências variadas, de acordo com seu *capital cultural*¹⁷. Tais influências são significativas no sentimento que a criança transfere para o objeto. Assim, o objeto herdado, o comprado, o re-significado, cumpre uma função importante na trajetória do indivíduo, pois não só suscitam lembranças, como também sentimentos, reforçando identidades.

Considerações Finais

O conjunto de atividades analisadas, integrantes do terceiro encontro previsto no Memoriar, visa sobretudo a sensibilizar as crianças quanto ao valor de seu Patrimônio cultural. Tomamos como pressuposto a necessidade de ouvir a comunidade, tanto através das pesquisas prévias quanto por meio da interação com os educandos, para desenvolver com estes ações educativas voltadas ao seu Patrimônio cultural. O conteúdo destas ações educativas busca atingir tanto a informação (conhecimentos classificatórios sobre as diversas formas e manifestações do patrimônio), quanto a formação (a reflexão conceitual sobre o significado do patrimônio para sua Identidade cultural, sua Memória social e sua cidadania). Não aceitamos operar com o conceito de que apresentamos, como técnicos e acadêmicos, uma verdade externa sobre o que esta comunidade deve definir como seu patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que não abdicamos de nossa posição de professoral para transmitir conceitos e dados sobre as várias formas e manifestação do patrimônio.

Ao analisarmos a Dinâmica do Objeto, e sua articulação com as outras etapas deste encontro (Teatro de Fantoques e Desenho do Patrimônio), constatamos que, sobre a Memória social, interferem tanto o nível local quanto global. No plano do local, verifica-se a recusa ou resistência a influências externas, divergentes com relação aos códigos da cultura própria da comunidade. Neste âmbito,

percebe-se como, no momento em que as crianças dão voz ao objeto, um conjunto de memórias coletivas, herdadas de gerações precedentes, atravessam estes objetos, materializando-se neles: ocorre aqui a percepção da importância da Cultura material para a Educação patrimonial. Paralelamente, constata-se uma interface entre o plano material e imaterial na evocação das memórias, como foi o caso da oportunidade em que as crianças apresentaram números de danças típicas. É necessário salientar que não houve interferência direta dos conteúdos e da metodologia do programa que tenha induzido as escolas a vincular ao terceiro encontro estas apresentações coreográficas, o que constituiu, aos nossos olhos, uma associação espontânea entre o Patrimônio Imaterial e Material, no momento em que trabalhávamos os liames entre a Cultura Material, a Memória Social e a Identidade de grupo, por meio da *Dinâmica do Objeto*, atividade complementada pelo *Desenho do Patrimônio*.

Portanto, ao realizarmos o *Teatro de Fantoques*, o *Museu de Memórias* (resultante da Dinâmica de Objetos), a apresentação de fotos do multimídia, que mostra a diversidade cultural de cada cidade, pretendemos que a criança olhe não só para o seu patrimônio, mas para si, enquanto sujeito que faz parte desse patrimônio e vice-versa.

Concluimos, compartilhando o pensamento de Galvani (2005, p.147): “A interação de olhares entre cidade e escola solicita uma leitura estética, sensível e crítica do cotidiano. Leitura esta que ultrapassa as paredes e os corredores dos prédios de instituições de ensino e ganha a cidade”. gentes a repensarem a sua função na sociedade a que pertencem.

Notas

* Coordenador-geral do projeto “Arqueologia e Educação Patrimonial na Região Sul do Rio Grande do Sul”, professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas, lecionando nos cursos de Licenciatura em História, Mestrado em Ciências Sociais e Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Nesta universidade, é diretor do Instituto de Ciências Humanas (desde 2002), coordenador do Laboratório de Antropologia e Arqueologia (desde 2001) e do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (desde 2006).

“ Coordenadora do “Programa Memoriar”, pedagoga, formada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (desde 2001), especialista em Memória, Identidade e Cultura material, no instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

““ Estagiária do “Programa Memoriar”, acadêmica do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Pelotas.

“““ Estagiária do “Programa Memoriar”, acadêmica do curso de Turismo, da universidade Federal de Pelotas.

¹ O programa é aplicado em uma escola urbana e outra rural de cada município inserido, contemplando as 3ª e 5ª séries.

² A História Oral trabalha com a gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Seu principal alicerce é a narrativa.

³ Decreto nº. 25, de 30 de Novembro de 1937.

⁴ Lei relative à la protetion de la nature, de 10 de Julho de 1976, a qual incluía nos estudos de impacto ambiental os estudos sócio-econômicos, em que se inseriam as condições de vida, a economia e a sociedade dos ocupantes de determinado local. (Apud. SOARES, 2004, p.19-20).

⁵ RIMA. Relatório de Impacto Ambiental: legislação, elaboração e resultados. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRJS, 1995.

⁶ Resolução CONAMA nº. 001/86m de 23 de Janeiro de 1986.

⁷ A UNESCO, em sua definição de bem cultural formalizada na Recomendação sobre medidas destinadas a proibir e impedir a exportação, a importação e transferência de propriedades ilícitas de bens culturais, inclui os “*espécimens-tipo da flora e da fauna*”. (Recomendação sobre medidas destinadas a proibir e impedir a exportação, a importação e transferência de propriedades ilícitas de bens culturais. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 19 de Novembro de 1964, UNESCO, Paris, in: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cartas Patrimoniais, Brasília: IPHAN, 1995, p. 118)

⁸ O roteiro é uma adaptação do livro de Men Fox chamado “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, e a música foi composta por Eugenio Bassi. Os elementos que compõem o teatro, como música e objetos, foram elaborados na perspectiva da valorização das tradições do Rio Grande do Sul.

⁹ O processo que antecede o terceiro encontro inicia ao final do segundo encontro do programa, onde solicitamos aos professores que avisem as crianças que, na próxima visita da equipe, acontecerá uma dinâmica, na qual os alunos participarão trazendo de casa objetos que os façam lembrar de acontecimentos do passado, ou mesmo que tenham significado na vida deles.

¹⁰ Optamos aqui pelo conceito de identidades em que: “Identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção. Nesse sentido, Lévi-Strauss afirma que a identidade é algo abstrato sem existência real, mas indispensável como ponto de referencia.” (OLIVEN, 2006, p.34)

¹¹ Os nomes dos alunos foram modificados para preservar sua identidade.

¹² É pertinente ressaltar que, com a participação dos parentes dos alunos na atividade, o programa cumpriu sua função de contemplar não só a escola, mas também a comunidade que a envolve.

¹³ Ao utilizarmos como referência descritiva dos objetos a memória familiar associada a eles, não operamos na temporalidade objetiva da disciplina histórica, mas numa temporalidade subjetivada pela percepção de tempo da memória familiar.

¹⁴ Em muitos casos as crianças levaram bonecas, carrinhos de fricção, ursinhos de pelúcia, etc.

¹⁵ No dia 20 de setembro, ocorre, nesta cidade, grandes desfiles oficiais comemorativos da Revolução Farroupilha, evento bastante associado, na memória cultural do gaúcho a

esta cidade, que foi, durante certo período, capital do movimento revolucionário republicano.

¹⁶ Centro de Tradições Gaúchas

¹⁷ Cf. BOURIDEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: CATANI, Afrânio e NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Referências

ATAÍDES, Heloisa Selma Fernandes Capel de; MACHADO, Laís Aparecida. **Identidade Cultural e Memória – Objetos de Construção do Patrimônio Histórico**. In.: Revista de Divulgação Científica. Publicação do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: Editora UCG, vol. 2, 1998, p. 41-62.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Proteção do Patrimônio Cultural e Arqueológico**. In.: AXT, Gunter e SCHÜLER, Fernando (orgs.). *Avanços e percalços no Brasil Contemporâneo. Crônicas de um país incógnito*. Ed. Artes e Ofícios., 2006, p. 345-375.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável**. Diálogos. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, vol. 9, nº 1, 2005, p. 91-110.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo, Scipione, 1989.

FILHO, Manuel Ferreira Lima. SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. **Por uma antropologia do objeto documental: Entre a “Alma das coisas” e a coisificação do objeto**. In.: Horizontes Antropológicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS, ano 10, n. 22, 2004, p. 37-51.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

GALVANI, Maria Aparecida Magero. **Leitura da Imagem: uma interação de olhares entre a cidade e escola**. In.: Revista Educação e Realidade. V.30, n.2, 2005, p.145-163.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como Patrimônios**. In.: Horizontes Antropológicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS, ano 10, n. 22, 2004, p. 15-36.

GRUNBERG, Evelina. **Educação Patrimonial: Utilização dos bens culturais como recursos educacionais**. In.: Cadernos do CEOM. – Chapecó: Argos, 2000. n.12, p 159–180.

GRÜNEWALD, R. A. **A Reserva da Jaqueira: Etnodesenvolvimento e Turismo**. In: RIEDL, Mário; ALMEIDA, Joaquim A.; VIANA, Andyara L. B.. (Org.). Turismo Rural: Tendências e Sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p. 205-230.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP e A Ed., 1997.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. <www.tvebrasil.com.br/salto/boletim2003/ep/index.htm> (capturado em 23/11/2006).

KLAMT, Sérgio Célio e SOARES, André Luis Ramos. **Breve Manual de Patrimônio Cultural: Subsídios para uma Educação Patrimonial**. In: Revista do Cepa Vol. 28, n°. especial, 2004.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

MENDES, José Manuel Oliveira. **O desafio das identidades**. In.: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). A Globalização e as Ciências Sociais – São Paulo: Cortez, 2002, p.503-540.

MUNIZ, Silvana Cristina Oliveira. **Núcleo Pedrinhas – história e imagem**. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Cultura Material e Arqueologia histórica. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998, p. 221-250.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil – nação**. 2. Ed. Ver. e ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RADLEY, Alan. **Artefactos, Memoria y Sentidos del Pasado**. In: EDWARDS, Derek e MIDDLETON, David. **Memoria Compartida: la Naturaleza Social del Recuerdo y del Olvid.**, eds. Barcelona, Paidós, p. 63-76. 1992

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). **O Lúdico na formação do educador**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCHWANZ, Angélica Kohls. **Educação Patrimonial a pedagogia política do esquecimento?** Curso de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2004 (trabalho de conclusão).

ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. **Currículo por projetos. Avanços e possibilidades**. In.: PARK, Margareth Brandini (org.). **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio-ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-31

Abstract

Between the Past and Present: A session with memory through the objects. This article presents the methodology applied in the *Memoriar*, the Regional Program of Cultural Heritage Education in the South Area of the state Rio Grande do Sul. The *Laboratório de Antropologia e Arqueologia* (LEPAARQ/UFPEL) is responsible for the execution of this program, that involves 12 cities. The program includes educational actions in both the level of informal education (with the public in general) and formal education (in the schools). Our proposal, in this article, is to discuss and value the application of this methodology, during the year of 2006, in the city public schools of five towns (Arroio Grande, Capão do Leão, Cerrito, Pedro Osório e Piratini). The central focus of our analysis is the method of the so named *Dinâmica do Objeto*, used with the students, in the session in which one deals with the categories of Cultural Heritage, Social Memory and Material Cultural, activities developed on a gamesome way, through the presentation of the *Teatro de Fantoques* (Puppet Theatre), as well as the realization of the *Dinâmica do Objeto* and the *Desenho do Patrimônio* (Cultural Heritage's Drawing).

Keywords: Education, Social Memory, Material Culture e Cultural Heritage.